



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO.**O SECULO**DE SANTA  
RITA

# OS SOLDADOS DE CHUMBO

■ Por ROSA SILVESTRE ■

**O** Jorge era um menino de oito anos, filho de pais muito ricos, que o enchiam de mimo, fazendo-lhe todas as vontades. Vivia numa casa muito bonita, no meio dum jardim onde havia flôres de todas as qualidades.

Assim de repente parece que o Jorge devia ser a criança mais feliz do mundo mas eu digo que não era e vou explicar-lhes porquê :

Primeiro, porque, habituado a satisfazer todos os seus caprichos, não sabia suportar a mais pequena contrariedade; depois, porque tudo lhe parecia pouco, desejando quantos brinquédos via, para aborrecer, dali a um instante, o que primeiro cobiçava.

Comparem agora a sorte deste menino com a de tantas crianças pobrezinhas que passam fome, sentem frio, e nunca tiveram um bonito para brincar, coitadinhos!

Deixemos, porém, estas considerações e voltemos à história,

Perto do Jorge vivia uma pobre viuva com um filho

que devia ter, pouco mais ou menos, a idade do seu rico vizinho. Chamava-se Pedro, o pequenito, e era a única consolação da mãe, que trabalhava todo o dia para que o pão não faltasse em casa.

É claro que o Jorge não conhecia o Pedrito, mas outro tanto não se dava com este, que passava horas a ver aquele menino tão bem vestido, correndo pelo jardim, ou sentado no terraço, com tantos brinquédos à sua volta!

Uma vez o Pedrito perguntou à mãe :

— Porque é que a nossa casa não tem um jardim como aquele ?

— Porque nós sómos pobres, meu filho.

— Ah ! — exclamou o pequeno, pensativo; e continuou :

— Então, ser pobre é uma coisa muito má, não é, mãe ?

A viuva ficou embaraçada, sem saber que lhe responderia.

Por fim, disse :

— Ninguém é pobre quando tem alegria. As vezes as pessoas ricas, que vivem em casas com jardins, são mais infelizes do que nós.

Pedro não compreendeu lá muito bem o que a mãe queria dizer mas calou-se.

Como chegara a altura de ele aprender a lêr, a mãe mandou-o à escola. Pobremente vestido, mas muito asseadinho, não tardou a ser um dos primeiros da sua classe, porque estava sempre com muita atenção e pedia à mãe, em casa, que lhe ensinasse as lições.

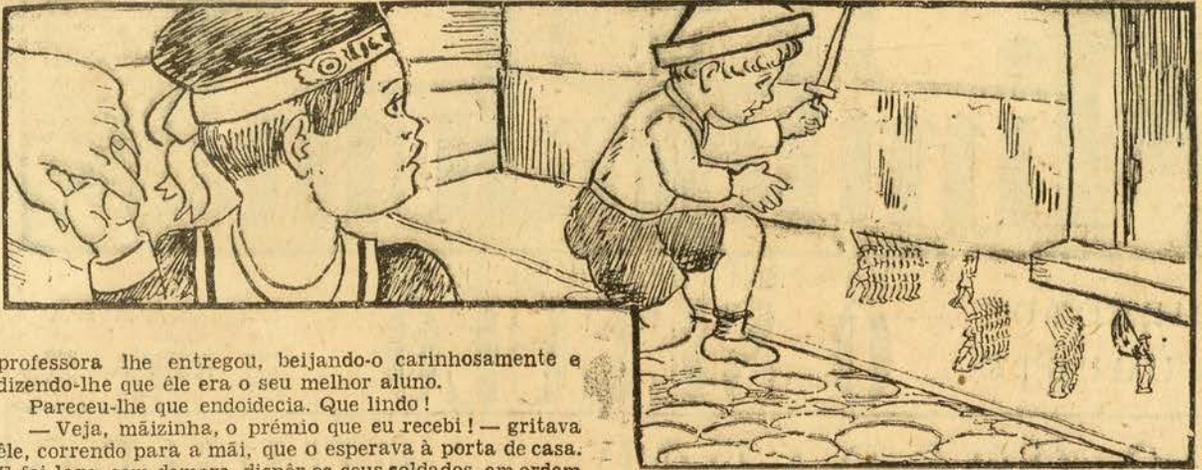
Andava contentíssimo, o simpático pequeno.

Entretanto, o Jorge aborrecia-se cada vez mais; não achava graça a coisa alguma e tornava-se insuportável a ponto dos pais dizerem :

— O nosso filho tem mimo demasiado.

No fim do ano, o Pedrito recebeu, como prémio da sua aplicação, uma caixa de soldadinhos de chumbo, que a





professora lhe entregou, beijando-o carinhosamente e dizendo-lhe que ele era o seu melhor aluno.

Pareceu-lhe que endoidecia. Que lindo!

— Veja, mãizinha, o prêmio que eu recebi! — gritava ele, correndo para a mãe, que o esperava à porta de casa. E foi logo, sem demora, dispôr os seus soldados, em ordem de marcha, sobre a velha mesa de pinho da cozinha.

Quiz um barrete de papel com um penacho. Agora, era general!

— Meia volta à direita! Marchar! — E ria, gesticulava, sentindo-se importante, como se fôsse, na verdade, o chefe dum grande exército.

A caixa dos soldadinhos de chumbo era o seu tesouro. Ia vê-los antes de dormir e, logo de manhã, era para eles a sua primeira visita.



Um domingo, como a mesa de cozinha lhe parecesse já muito acanhada para as «grandes manobras» do seu «exército», pediu licença à mãe e foi brincar para o passeio, em frente de casa.

Aconteceu passar por ali o Jorge. Parou, atraído pela gritaria do pequeno «general», e quedou-se a olhar, admirado, achando aquela brincadeira muito divertida. Porque seria que nunca lhe tinham dado um brinquêdo tão bonito como aquele?

Foi preciso que o criado que o acompanhava o chamasse, dizendo-lhe que não era próprio estar ali parado, a ver brincar um «rapaz da rua».

O pequenito afastou-se, mas o que é certo é que nunca mais lhe saiu da cabeça aquele «regimento» marchando às ordens do seu «comandante».

Uns soldadinhos assim é que ele queria!

Compraram-lhe uns, mas não eram iguais aos «outros», dizia ele. Chorou, bateu com o pé no chão; a mãe apouquentou o pai chegou-se a zangar-se e ninguém conseguiu satisfazer-lhe aquele desejo. Os soldadinhos do «rapaz da rua» é que eram bonitos! Assim é que ele queria ter uns! E dali não passava.

Certa manhã, ao dar um passeio pelo campo, o Jorge caiu tão desastrosamente que torceu um pé. Voltou para casa ao colo e teve que conservar-se de perna estendida umas três semanas,

Durante êsse tempo, o menino que nunca soubera o que era sofrimento, nem estava habituado a ter paciência, perdeu o apetite, entristeceu, sem que coisa alguma o distraísse. Os pais não sabiam o que haviam de fazer. Foi então que ocorreu uma ideia á desolada mãe: Embora custasse ao seu orgulho, mandou pedir à viuva que deixasse vir o filho, com os seus soldadinhos de chumbo distrair o doentinho.

Pedrito não se fez esperar. Chegou, dali a pouco, muito envergonhado, com a sua caixa debaixo do braço. A pobre criança nem sabia onde havia de pôr os pés. Aquela casa tão bonita fazia-lhe lembrar os contos de fadas que a mãe costumava contar-lhe.

O Jorge, logo que o viu dispendo-os sobre o tapêto, animou-se, quiz erguer-se um pouco mais e, dali a pouco, parecia outro, conversando alegremente com o «rapaz da rua».

A visita repetia-se todos os dias, até que o Jorge pôde dar o seu primeiro passeio ao jardim.

Então é que foi uma brincadeira completa! Houve um grande «combate». Pedrito perdera a vergonha e comandava os «seus soldados» com a maior bravura e entusiasmo.

Os donos da casa, satisfeitos por verem o filho tão contente, assistiam à «batalha» dum janela e deram palmas, no fim, vitoriando o «ilustre general».

Ficaram amigos, os dois pequenos.

Passaram a frequentar ambos a mesma escola, porque os pais de Jorge resolveram encarregar-se da educação de Pedro, que passou a viver, com a mãe em casa dos seus protectores, onde a pobre viuva fazia trabalhos de costura.

Jorge nunca mais esqueceu os soldadinhos de chumbo. Quando, mais tarde, teve filhos, ensinou-os a ser modestos, amigos dos pobres, e o primeiro brinquêdo que lhes comprou foi uma caixa de soldadinhos de chumbo,

# UMA LENDA

Por MANUEL FERREIRA

**H**AVIA num país fabuloso, no interior das florestas, um rei bom e justo, que era o ídolo do seu povo.

Casado havia muitos anos, el-rei vivia desgostoso por não conseguir sucessão. Pedira várias vezes a sua madrinha, uma boa feiticeira, que lhe concedesse o que ambicionava, mas ela fugia de responder-lhe. Até que, um dia, retorquiu ao real afilhado:

— «Conseguirás o que desejas. Porém, hás-de ter grandes dissabores... Contudo vou procurar satisfazer essa tua pretensão.»

El-rei voltou para o seu palácio. No caminho, um velho dirigindo-se, jubiloso, a ele, disse-lhe:

— «Parabens, Magestade! Conseguiste o teu desejo.»

E riu-se...

O monarca, julgando que o velho troçava dele, respondeu-lhe ásperamente:

— «Vens aumentar a minha amargura com a tua zombaria?»

O velho continuou:

— «Poderoso rei, sou astrólogo. Logo que as pessoas nascem, leio, nas estrelas, o seu futuro. O teu herdeiro nasceu há poucos momentos. É uma menina linda, mas...»

— «Mas o quê?» — interrogou o rei cujos olhos pardos se toldaram por momentos, duma nuvem indefinível.

— «Depois dos dez anos, a princesa dará a morte a todos que tenham a desdita de conviver com ela, desde que essas pessoas tenham defeitos morais. Só um ente privilegiado a poderá desencantar. Portanto, trata de a encerrar num castelo, onde ela deve viver, abandonada de todos...»



Como o rei se lamentasse, o velho astrólogo, animou-o:

— «Resigna-te à tua sorte e não desesperes. Sempre há-de haver uma alma bela, isenta de defeitos que deseje lutar por esta causa admirável.»

Dito isto, o velho desapareceu. Foi a princesa, à qual chamaram Flôr-de-lis, crescendo em graça, em bondade e em formosura. Todos admiravam as suas qualidades. Boa para os humildes, caritativa, piedosa, Flôr-de-lis tornou-se extremamente popular. E quando ela, montada, com donaire, no seu cavalo ajaezado, percorria a floresta, absorvida na tentação das cousas belas da natureza, todos que a encontravam, diziam:

— «Cá vai a nossa boa princesa!»

Porém, na véspera do dia em que completava uma dezena de anos, ouviu-se uma pancada soturna no palácio. E, vinda de não sei de onde, ouviu-se esta frase:

— «É começada a hora do sacrificio.»

Daí a pouco, a princesa foi conduzida à torre de marfim. Enganaram-na, piedosamente, com um passeio à floresta e assim a encerraram onde só um espírito forte a poderia libertar.

Passaram-se eternidades. No castelo de marfim a princesa carpia as suas mágoas. Decorria o tempo das cruzadas. Quando a Flôr-de-lis olhava pela janela, o trecho admirável da paisagem e ainda mais se apoderava do desejo de ir para o campo, um cruzado, com seu escudo, sua lança e a cruz ao ombro, acercou-se da torre.

A linda princezinha, chamou-o da janela:

— «Queres libertar-me?»

— «Sim, quero, Senhora minha; dize o que é necessário para isso que eu a tudo estou disposto.»

Flôr-de-lis exclamou:

— «É necessário seres um homem de grande conducta moral, quer em pensamentos e palavras, quer em obras.»

O cruzado, pondo a mão nos copos da espada, afirmou:

— «Juro-vos, que se não sou um modelo de virtudes, pouco me falta!»

(Continua no próximo numero)



# CONSELHOS de DONA PÊGA

POR LAURA CHAVES - Desenhos de CASTAÑÉ

**D**EU-SE um tremendo bulício no grande reino dos bichos porque uns malvados cochichos, por goluseima ou por vício, tinham roubado a uns petizes, uns grãos de cevada-aveia que eles tinham para a ceia.

De todos os animais, a Dona Pêga palreira, essa velhaca embusteira, era quem gritava mais. Berrava de indignação contra os ladrões, ou ladrão, que à infância desvalida tinham roubado a comida.

Foi fer logo com os pais e em berros de atordoar propôs ser ela a tratar, nos bancos dos tribunais desse audacioso roubo, onde o juiz Dr. Lobo e a escritã Dona Carriça, fariam tôda a justiça.

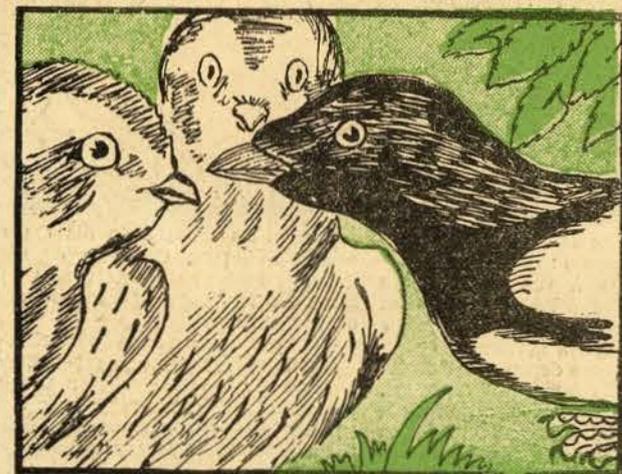
acusando os tais cochichos!... — E, com seu bico abelhudo, ia lambiscando tudo, mas sempre, sempre afirmando que o roubo é crime nefando.

E, com seu bico abelhudo, ia lambiscando tudo, mas sempre, sempre afirmando que o roubo é crime nefando.

respondeu o louro à ladra, — ouve a moral que me quadra, e ouve-a bem, pêga maluca, fixa-a no teu pensamento: «palavras, leva-as o vento, o bom exemplo é que educa.»

..... Este conceito do louro vale mais do que um tesouro. Vós, meninos, que o escutais, falei nêle a vossos pais.

(1) Papagato



Ora veio a suceder estarem eles jantando e a pêga ia petiscando sem ninguém lho oferecer. — Esse roubo, minha Amiga... e marchava uma formiga. — Pois inda há justiça, Amigo... — e engulia um grão de trigo.

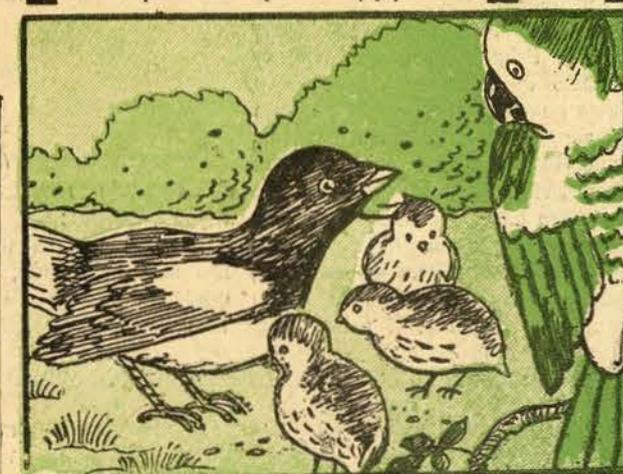
— A cordorniz há-de ver-me, lá no tribunal dos bichos

E como os pobres piassem, ela, então, disse aos fedelhos que ouvissem os seus conselhos que nunca, nunca roubassem. Enquanto isto lhes dizia sôfregamente engulia um guizado de tremôço que tinham para o almoço.

Depois, piou para os pais: — Os pequenos necessitam que a miúdo lhes repitam estes conselhos morais. —

Nisto, ouviu-se a voz dum Louro (1) dizer, lá duma ramada: — Fora daqui descarada! Acaba esse desafôro! Pois falas contra os ladrões que pretendes dar lições quando tu, pássaro reles, roubas ainda mais que eles! —

— Não sabes, Louro infeliz, o que disse Frei Tomaz? «Ninguém faça o que ele faz, façam só o que ele diz» volveu tôda altiva a pêga. — Isso para cá não pega —



## UMA BOA ACCÇÃO

Por LEONOR DE CAMPOS  
Desenhos de A. CASTAÑÉ

**A**LBERTO e Zéca são primos. Era natural que se parecessem fisicamente e moralmente, visto que as mãis são irmãs, não é verdade? Mas não. Nem se parecem por fóra, nem por dentro. O Alberto é loiro, rosado.

O Zéca moreno e de cabelos pretos. Alberto é acaado, obediente, honrado, cuidadoso consigo e com tudo o que lhe pertence.

Zéca, malcriado e insolente, esquece-se muitas vezes, de lavar as orelhas, e a respeito das suas roupas, dos seus livros, cadernos e lapis... é uma autêntica desgraça: deixa uma coisa aqui, outra, alem. E tudo sempre tão enxovalhado, tão amarrotado, que até faz pena!...

Ora há dias desciam os dois primos o Chiado, vindos da escola. De súbito, ao Zéca pareceu-lhe vêr luzir qualquer coisa, junto da valeta. Baixou-se rapidamente. E ao levantar-se, trazia na mão um lindissimo anel com um brilhante.



— «Olha! — mostrou êle ao primo. — Um anei bem catita!... Deve valer bom dinheirinho!...»

Meteu-o no bolso e continuaram a caminhar, sempre conversando.

— «O melhor — disse Alberto — é irmos entregá-lo na esquadra!»

— «Anh? O quê? Tu não estás bonzinho da cabeça!... Então eu achava uma coisa destas tão rica e ia

metê-la nas unhas dos polícias!... Só se eu fôsse palerma!... Vou mas é vendê-lo e com o dinheiro que me derem por êle, poderei ir ao cinema quantas vezes me apeteecer!...»

— «Não!... Não farás isso — afirmou Alberto com autoridade. — O anel não é teu. Não podes vendê-lo!...»

— «E' meu, sim, é meu!... Achei-o, pertence-me!...»

— «Pois eu digo-te que não é teu. Não consinto que o vendas. Se não te obrigo a ir já entregá-lo na esquadra, é porque podem demorar-nos lá. E como hoje já saímos da escola muito tarde, as nossas mãis ficariam em cuidado. Mas amanhã falaremos!...»

O Alberto é mais velho e mais forte que o primo. Tem já 14 anos e o Zéca tem só 12. Por isso êste se calou. Mas ia resolidissimo a arranjar qualquer pretexto para se vêr livre do primo, antes de chegarem a casa.

— «Porque — pensava êle — se a mãi sabe disto, obriga-me a entregar o anel na esquadra...»

Enquanto que, se só o sôber depois de eu o ter vendido... — quero cá saber de cantigas!... — pouco me importa que ralhe ou barafuste. O dinheirinho já cá catita!...»

De maneira que, antes de entrar em casa, disse ao primo:

— «Espera!... Tens razão!... Não posso vender o anel, porque não é meu. Mas em vez de o entregar na esquadra, acho que será melhor dá-lo ao dono. Põe-se um

# O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Querida Judit

Faltam ainda alguns dias para o Natal e, portanto com um bocadinho de boa vontade e algum trabalho, depressa farás esse saquinho de guardanapo que pensas oferecer à tua irmãzinha pequenina e que hoje apresento, satisfazendo, assim o teu pedido.

Vamos lá a ver como hás-de fazê-lo. Primeiro, escolhes um bocadinho de linho côr de rosa (ou outra qualquer côr, se não pudeses arranjar esta). Dobras em 3 partes, dando-lhe, assim, o feitiço de um sôbrescrito. A parte redonda que fica para cima, fechando o saco, é contornado por um *picot* feito com agulha de *crochet*. As costuras, que unem os outros dois lados, são caosids a pesponto. E vais bordar



da seguinte maneira o desenho deste saquinho:

Em verde, as palmeiras e o chão, Em azul carregado, o chinês, excepto o traço da cara, que é amarelo.

Fazes o *picot* tam bém verde e assim, verás concluída a tua obra. Recebe um grande abraço da tua amiguinha

Abelha Mestra.

anuncio no jornal a dizer que se encontrou um anel e se entrega ao dono... e pronto. E' melhor, não te parece?>

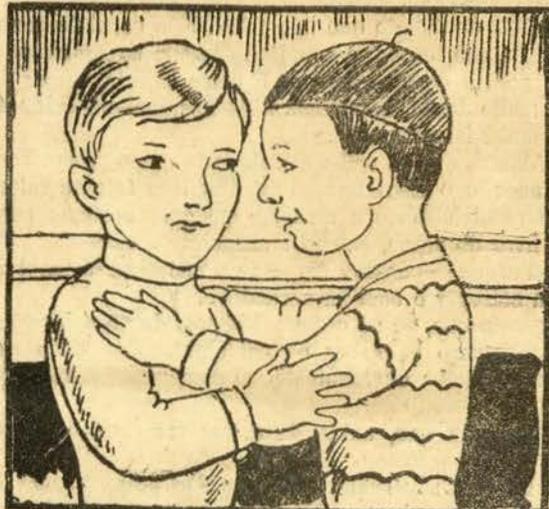
— «Sim, talvez» — concordou Alberto.

— «Nesse caso, vais tu adiante contar à mãe o que sucedeu e eu dou um pulo ao Rocio a deitar o anúncio!...»

— «Mas onde tens tu o dinheiro para isso?»

O Zéca não se atrapalha facilmente.

— «Ora, arranja-se tudo. Eles decerto fiam, quando



souberem que tenho em meu poder um anel de tanto valor...»

— «Tu estás maluco, Zéca? Então isso é lá coisa que se fie!... Não!... Tem paciência!... Não te largo!... Ou entras comigo em casa, ou acompanho-te onde fôres...»

— «Carraça!... — exclamou o outro, danado.

— Mas deixa que não as perdes!... Hei-de fazer-te uma partida valente!...»

Alberto encolheu os ombros, sem responder. E os dois primos entraram em casa, onde as respectivas mãis, já em cuidado, os esperavam.

Alberto contou o sucedido, sem se referir à mãe acção que o Zéca queria praticar. E pelo contrário: acrescentou que o primo tivera vontade de ir pôr um anúncio, mas só o não fizera por falta de dinheiro.

Então a mãe de Alberto, elogiou a atitude do sobrinho:

— «E' assim mesmo que se faz! Nunca devemos ficar com aquilo que nos não pertence. Amanhã compraremos o jornal, para vermos se alguém se queixa da falta do anel. Se nada virmos, iremos então entregá-lo à polícia.»

E assim ficou resolvido, com grande arrelia do Zéca.

Na manhã seguinte, comprado o jornal, Alberto procurou o que desejava. E a certa altura encontrou:

Anel com brilhante perdeu-se. Pede-se a

quem o achou, o favor de o entregar na Avenida da Liberdade, n.º X.

— «Cá está! — exclamou Alberto, mostrando o anúncio. E virando-se para o Zéca, acrescentou:

— Vamos lá os dois. Traz o anel!...

E os rapazes, obtida a licença materna, puzeram-se a caminho. Zéca não cessava de resmungar:

— «Palerma!... Por tua causa, perco um dinheiro!...»

Alberto fingia não ouvir. Chegaram à morada indicada. Tocaram. Logo a porta se abriu. Um criado fardado, interrogou-os.

— «Que desejam?»

— «Vimos entregar um anel que encontramos ontem, no Chiado.» — respondeu Alberto um tanto acanhado pelo aspecto importante do criado.

Este mandou-os entrar para o vestibulo, pedindo-lhes que esperassem um pouco, enquanto ia prevenir o senhor visconde.

E instantes depois, vinha convidá-los a entrar no escritório, onde os aguardava um sujeito ainda novo, sorridente, com ar de boa pessoa.

— «Façam favor de se sentar. — disse ele. — Então algum de vocês encontrou o meu anel?»

— «Se é o do senhor, não sei — respondeu Alberto, fazendo-se muito côrado. — Mas ontem, aqui este meu primo encontrou um anel. E como vimos hoje no jornal um anúncio?...»

— «E' um anel de ouro, com um brilhante grande e um A gravado no interior?»

— «Sim, senhor, É isso mesmo. Zéca, pôdes entregá-lo.»

O Zéca, bem contra vontade, meteu a mão ao bolso, tirou o anel e entregou-o ao visconde, que disse, simplesmente:

— «Obrigado, meus rapazes. E' este mesmo!...»

Então Alberto levantou-se, dizendo para o primo:

— «Pronto! Vamos embora!...»

E cumprimentando o visconde, preparavam-se para sair, quando o ouviram exclaimar:

— «Esperem!... gostei da vossa atitude!... Vou recompensá-los pela boa accção que praticaram!...»

— «Mas, pelo amor de Deus, senhor! — protestou Alberto envergonhado — nós não queremos coisa alguma!...»

— «Sempre tencionel recompensar quem me trouxesse o anel, que para mim tem sobretudo valor por me ter sido oferecido por meu pai, que já morreu.

Somente, não disse isso, no anúncio, por entender que se a pessoa que o achasse fôsse honesta, não seria preciso falar-lhe em recompensa para que viesse entregá-lo. Não é assim?».

— «Decerto, meu senhor!...»

— «E agora, dou graças a Deus por terem sido vocês, uns rapazinhos tão honrados, quem encontraram o anel. Porque, se o tivesse achado qualquer criatura menos escrupulosa, a esta hora é possível que na cadeia houvesse mais um desgraçado, visto que eu tinha prevenido a policia, e esta, por sua vez, avisara ourives e prestamistas, do desaparecimento do anel.»

Nesta altura foi a vez do Zéca encavacar. Pôs-se vermelho como uma malagueta.

O visconde continuou, sem reparar na cara do Zéca:

— «Mas visto que vocês têm escrúpulo de aceitar dinheiro, digam-me: Em que poderei ser-lhes útil? Os vossos pais que fazem?».

— «Nem eu nem o meu primo, temos pai; morreram. E nós vivemos com as nossas mães, que trabalham em costura para nos sustentar!».

— «E vocês não têm officio?».

— «Por enquanto, não senhor.

Há muita falta de trabalho. Mas eu quero ser marceneiro e o meu primo entalhador. De maneira que a gente anda numa escola industrial, a aperfeiçoar-se, para nos tornarmos uns bons artistas!...»

O visconde ficou pensativo, durante momentos. E, por fim, pediu:

— «Dizei-me os vossos nomes e a vossa morada!...»

Alberto obedeceu. Então o visconde, depois de a escrever, estendeu a mão a cada um dos rapazes:

— «Adeus!... Obrigado!... Hoje mesmo terão noticias minhas!...»

Os' pequenos saíram.

Começou nesse dia a felicidade de Alberto, do Zéca e de suas mães. O visconde tomou a familia sob a sua protecção.

Nunca mais naquela casa se sentiram privações. E agora, dou-lhes uma excelente novidade:

O Zéca, três dias depois destes acontecimentos, dirigiu-se ao primo e abraçando-o, disse-lhe, com lágrimas nos olhos:

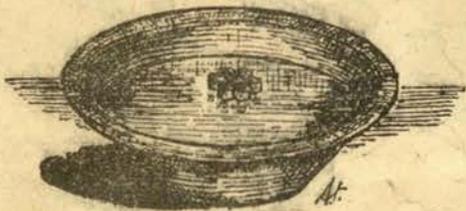
— «Alberto: perdôa todas as minhas maldades e os meus desesperos. De hoje em diante, farei todos os esforços por ser bom e bem comportado como tu.»

Ora eu acredito que o Zéca, seja muito capaz de cumprir a sua promessa. E os meninos que dizem?

## As crianças e os fósforos

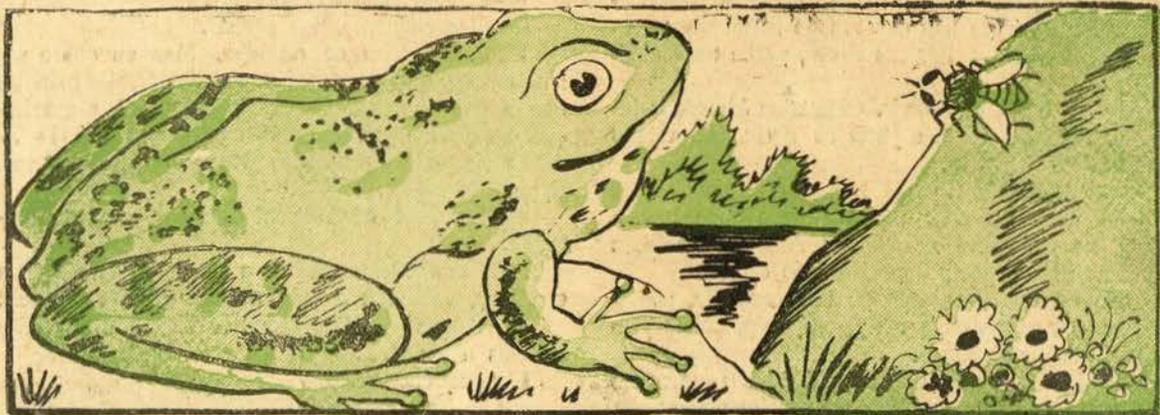
Vou-lhes provar que os fósforos são como certos meninos que conhecemos pois que obrigá-los a tomar banho lhes produz tanto efeito como levá-los ao dentista. Contudo, se lhes apresentarmos uma gulodice, ei-los correndo satisfeitos.

Consiste a demonstração em deitar alguns fósforos num



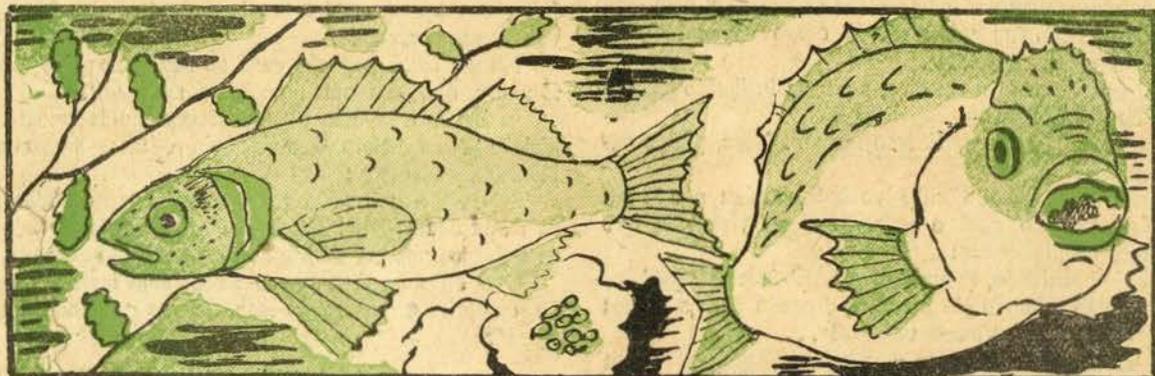
recipiente com água e dispô-los em fôrma de estrela, bem ao centro. Basta agora mergulhar a ponta dum pedaço de sabão ou sabonete entre eles... Vereis, imediatamente, os fósforos afastarem-se como que impellidos pelo horror que o sabão lhes causasse. Com um pequeno torrão de açúcar, que mergulhareis parcialmente na água, fareis reunir novamente os fósforos que tomarão a posição primitiva.

# A rã prosaica e a môsea idealista



I — Pousando certa manhã,  
uma môsa sôbre um rio  
e vendo, à beira, uma rã,  
logo a mosquinha zumbiu :

II — «Rãzinha que tens o dom  
de mergulhar muito fundo,  
ai, como deve ser bom  
ver êsse bizarro mundo!...



III — A grande fáuna marinha  
e a tão linda flora aquática!...»  
Responde, então, a rãzinha  
à mosquinha tão simpática :

IV — «Entra em minha boca fina  
e eu te levarei, de modo  
que, através minha narina,  
possas ver o fundo todo.»



V — A mosquinha acreditou  
e entrou na boca da rã  
que um figuinho lhe chamou  
naquela linda manhã.

IV — *Meninos, sirva a lição...  
tôda a Fantasia é bela  
mas vêde : — a Imaginação  
mata quem abusa dela!*